



COLUNA ESPLANADA

LEANDRO MAZZINI
Com Leonel Rocha, Walmor Parente,
Carolina Freitas e Tom Camilo

CAIADO NA FILA

Nome tradicional da direita e dos conservadores há décadas, o governador de Goiás, Ronaldo Caiado (União), passou a compor a lista que o agronegócio pode apoiar na sucessão presidencial de 2026. Fundador da União Democrática Ruralista (UDR) na década de 1980 e candidato à Presidência em 1989, Caiado está no 2º mandato de governador, não pode mais concorrer à reeleição e passou a ser uma opção da direita para concorrer ao Planalto novamente, diante da derrocada judicial de Jair Bolsonaro. A favor do goiano, sua experiência como senador e governador de um Estado que se revelou próspero em diferentes setores; e contra, os potenciais concorrentes no caminho, como Romeu Zema (Novo-MG) e Tarcício Freitas (Republicanos-SP)



Os sem-armazéns

Os cerealistas que compram parte da safra agrícola reivindicam do Governo e do Congresso uma legislação que os permita tomar empréstimo nos bancos com as mesmas condições dos financiamentos do Plano Safra, para construir armazéns. Atualmente, este tipo de empréstimo só é feito às cooperativas. O País deve colher quase 318 milhões de toneladas de grãos e só tem armazéns para guardar um quarto dessa colheita.

MDB na porta

Com sete vice-governadores, o MDB tem perspectiva de ocupar os postos de chefe maior em quatro Estados onde os governadores não podem se reeleger. Os vices Walter Alves (RN), Gabriel Souza (RS), Daniel Vilela (GO) e Hana Ghassan (PA) vão assumir os governos em abril de 2026 com a desincompatibilização dos atuais mandatários que devem concorrer a outros cargos.

Tucuruí na mira

Mais de 3 mil ações foram ajuizadas na Justiça do Pará pelo advogado Ismael Moraes. Ele pede indenizações da Eletornorte pelos prejuízos a famílias de ribeirinhos de oito cidades atingidas pela inundação do lago da usina de Tucuruí. A Justiça determinou que a Eletornorte realize perícia numa área de 300 mil hectares de espelho d'água.

reportagem@colunaesplanada.com.br

Frederick Wassef diz ser vítima de uma 'campanha de fake news'

AGÊNCIAESTADO

O advogado criminalista Frederick Wassef, um dos alvos da operação Lucas 12:2 da Polícia Federal na última sexta-feira, 11, disse estar sendo vítima de uma "uma campanha de fake news e mentiras de todos os tipos". A Polícia Federal aponta para o defensor do clã Bolsonaro como um dos envolvidos no suposto esquema de venda de joias e presentes de alto valor recebidos durante agendas oficiais.

De acordo com o que a corporação apurou, Wassef teria recomprado um relógio da marca Rolex para entregá-lo ao Tribunal de Contas da União (TCU). O objeto teria as mesmas características do relógio que Bolsonaro ganhou de presente durante uma agenda nos Emirados Árabes e que, posteriormente, Mauro Cid teria vendido.

Na decisão que autorizou

as diligências de busca e apreensão da sexta-feira, consta que Wassef teria recuperado o relógio no dia 14 de março. O objeto estava em posse da empresa PrecisionWatches. O advogado teria retornado ao Brasil com o Rolex no dia 29 do mesmo mês.

"No dia 02/04/2023, Mauro Cid e Frederick Wassef se encontraram na cidade de São Paulo, momento em que a posse do relógio passou para Mauro Cid, que retornou para Brasília/DF na mesma data, entregando o bem para Osmar Crivelatti, assessor do ex-presidente Jair Bolsonaro", diz o documento.

Na nota deste domingo, Wassef diz que só tomou conhecimento "pela imprensa" do suposto esquema de venda de joias recebidas em agendas oficiais. "Nunca vendi nenhuma joia, ofereci ou tive posse. Nunca participei de nenhuma tratativa, nem auxiliei nenhuma venda, nem de forma direta nem indireta. Jamais participei ou ajudei de qualquer forma".

Produção de petróleo em alta consolida o Brasil entre os grandes exportadores

AGÊNCIAESTADO

O aumento da produção do petróleo tem feito com que o produto ganhe cada vez mais destaque na pauta de exportação brasileira. E esse movimento não deve mudar tão cedo. Daqui em diante, o que se espera é que esse crescimento continue e seja capaz de contribuir com resultados robustos para o comércio exterior do País.

Na prática, se esse cenário positivo se confirmar, o petróleo vai representar mais entradas de dólares no País e recursos para Estados produtores por meio dos royalties.

No ano passado, as exportações de óleos brutos de petróleo alcançaram US\$ 42,5 bilhões - um valor recorde - e representaram 12,7% de tudo o que o Brasil negociou para o exterior. Foi o segundo principal item vendido pelo País, atrás somente da soja (US\$ 46,5 bilhões).

"Nos últimos anos, o Brasil tem aumentado a produção de petróleo e esse movimento deve continuar", afirma José Augusto de Castro, presidente-executivo da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB). "À medida que a quantidade



IMPULSIONADA pelo pré-sal, produção nacional alcançou 3 milhões de barris por dia no ano passado, e tendência é continuar em alta nos próximos anos

(produzida) sobe, e o preço não cai muito, a tendência é ampliar essa participação (na pauta exportadora)."

Em volume, a exportação de petróleo cresceu 1,7% em 2022 na comparação com o ano anterior, para 68,7 milhões de toneladas.

"Eu diria que o setor de petróleo é um dos que mais vão contribuir daqui para frente para o saldo da balança comercial brasileira", afirma Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE).

Entre janeiro e julho deste ano, as exportações somaram US\$ 22,3 bilhões, um pouco abaixo do apurado no mesmo período de 2022 (US\$ 23,1 bilhões). "Essa queda já era esperada por causa do menor preço do petróleo", afirma Castro.

Mudança de patamar
Para um país que sempre politizou a sua relação com o petróleo - a campanha, por exemplo, com o lema "o petróleo é nosso" na era Vargas - e sofreu com os choques nos anos 1970, os nú-

meros do setor mostram que o País mudou de patamar nos últimos anos. Em 2022, o Brasil se consolidou como o nono maior produtor de petróleo do mundo e apareceu entre os dez principais exportadores.

O cenário de crescimento da produção pode ser explicado, em parte, pelo desempenho do pré-sal e pelo aumento de preços do petróleo observado ao longo das últimas décadas, o que torna viável e interessante a exploração.

Mais de 12 mil crianças foram registradas sem o nome do pai

G1 BA

A Bahia tem 12.282 mil recém-nascidos que foram registradas sem o nome do pai entre agosto de 2022 e julho de 2023, de acordo com dados divulgados pela Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-Bahia). O número representa 7,28% de todas as crianças nascidas no estado neste período, que foram 168.612. A porcentagem demonstra que o número de registros sem o nome paterno tem crescido na Bahia nos últimos dois anos.

Entre 2020 e 2021, 12.155 não receberam o nome do pai da certidão, o que representa 6,6% das 183.350 crianças nascidas neste período. Entre 2021 e 2022, a porcentagem foi de 6,7%. Na época, 12.224 bebês dos 180.788 nascidos, ficaram só com o nome da mãe no registro.

Os números estão registrados no Portal da Transparência do Registro Civil, na página denominada Pais Ausentes, da Associação Nacional dos Registradores de Pessoas Naturais (Arpen-

Brasil).

O Brasil tem mais de 110.716 certidões de nascimento sem o nome do pai. Os registros foram feitos apenas neste ano, de acordo com os dados apurados pela GloboNews por meio do Portal da Transparência do Registro Civil.

Ainda de acordo com o levantamento, por dia, são quase 500 registros feitos sem a identificação de paternidade da criança, as chamadas certidões com pai ausente. Entre janeiro e 11 de agosto do ano passado, o nome dos pais não constaram em 105 mil certidões de nascimento. Em 2023, no mesmo período, o número subiu para mais de 110 mil documentos - aumento de quase 5%.

Do total de crianças que nasceram em todo o país este ano - 1.614.232 nascimentos -, 6,8% entram na estatística das certidões com pai ausente, ainda segundo os dados do Portal da Transparência do Registro Civil.

Elisa Regina dos Santos conta que preencher sobre o pai em qualquer lugar é um impacto emocional.

PONTO DE VISTA

Inaldo da Paixão
Santos Araújo

Da Avenida Sete, de Aveiro e do amor por Salvador

Como aprendi com o Professor Francisco Senna, Salvador nasceu há quase 475 anos, de forma planejada, por mais paradoxal que isso hoje possa parecer. No alto do promontório, de frente para o grande Mar Interior, era preciso erguer uma cidade-fortaleza, cercada por uma paliçada, com os objetivos de disseminar a fé católica, de ser o centro do governo português na colônia sul-americana e de ser um grande porto marítimo, conforme se pode inferir do "Regimento do Governador e Capitão General Tomé de Souza, dado em Almerim, Portugal, a 17 de dezembro de 1548".

Esse Regimento, que foi reeditado pela Fundação Gregório de Matos, em 2000, em comemoração aos 450 anos da Primeira Capital da América Portuguesa (1549-1763), como bem nos informa Francisco Senna, seu então presidente, "é, na verdade, a 'Constituição prévia' do Estado do Brasil e define detalhadamente as normas que deveriam orientar o processo de povoamento do Brasil e a construção de uma 'povoação grande e forte que abrigasse o Governo Geral e pudesse exercer o papel de Centro político-administrativo-religioso do País'".

Sim, durante quatro séculos, a primeira capital do Brasil com esse imenso "Território Africano" foi uma das cidades mais importantes das Américas.

Quem visita o Centro Histórico de Salvador, errônea e popularmente cha-

modo de Pelourinho, devidamente orientado pela sapiência do historiador Senna, facilmente pode constatar fragmentos dessa história que, aos poucos, se perde em face do tempo, da ausência de políticas públicas efetivas e equitativas, do abandono, do descaso e da falta de ações daqueles que não souberam amar Salvador.

Nas minhas reminiscências, recorro às minhas andanças do Comércio ao Campo Grande, passando pelo Taboão, pelo Largo do Pelourinho, pelo Terreiro de Jesus, pela Praça da Sé, pela Rua Chile, pela Praça Castro Alves, pela Avenida Sete (local em que, quando o parco salário permitia, saboreava o delicioso hot dog do Curso Águia) até chegar ao meu destino final, que é oficialmente chamado de Largo Dois de Julho. Nesse Largo, que homenageia nossa data maior (que efetivamente nunca mais o despotismo nos reja), por fim, tomava um ônibus da extinta Viação Beira Mar S.A. em busca do saber "superior".

Fazia esse percurso nas tardes-noites de Salvador, quando saía das minhas atividades auditoriais no extinto Banco do Estado da Bahia. O nosso BANEBA, que, em verdade, nunca foi realmente nosso.

Mesmo sem saber o motivo, gostava dos vetustos casarões que observava no trajeto percorrido e os apreciava. Em especial, os da Avenida Sete.

Faço essa longa introdução, após ler interessante matéria jornalística "Pintaram o Sete", sobre o possível projeto que pretende recuperar a riqueza

arquitetônica das fachadas da Avenida Sete" (Jornal Correio, pág. 12 e 13, ed. 22/04/23).

Após lê-la, de pronto, lembrei-me de Aveiro, a Veneza Portuguesa, e de sua Rota da Arte Nova, a qual, em um breve percurso, permite facilmente a qualquer interessado descobrir edifícios e monumentos, com seus elementos decorativos e belas fachadas, que ostentam, assim aprendi, as marcas deixadas por nomes como Ernesto Korrodi, Francisco Augusto da Silva Rocha, Jaime Inácio dos Santos, José de Pinho ou Carlos Mendes.

Entre as obras de arte em forma de edificações que pude visitar, destaco a Casa do Major Pessoa, sede do Museu de Arte Moderna; o Edifício do Rossi; a Casa dos Ovos Moles; o Museu da Cidade; a Cooperativa Agrícola; o Restaurante Pensão Ferro; a Residência de Arquitecto Silva Rocha; a Casa do Hotel "As Américas"; o Edifício da Sapataria Miguéis; e o Coreto do Parque Municipal Infante D. Pedro.

Nos meus devaneios, busco ajuda de quem entende e logo recebo a informação de que "A Avenida Sete, inaugurada em 1915, foi a mais bela da cidade; era residencial, virou comercial e agora a prefeitura oficializou o camelódromo. Triste destino para uma via histórica tão importante! Reformar fachadas sem recuperar o conteúdo não faz sentido, é maquiagem ou caos!". Como não sou historiador, tampouco arquiteto, como contestar?

Descantando, e antes de rascunhar este artigo, volto a outro jornal de folhas e vejo com assombro a matéria "Salvador ganha arranha-céu de 54 andares". Sim, sou tomado de assalto e me lembro, ato contínuo, de "Os Esboços de Maria", artigo escrito por Christian Carvalho Cruz, na série "Trombadas - UOL", cuja leitura recomendo. Nesse texto, ele relata dizeres de Maria Cidena, empresária, 91 anos, última dona da extinta Papelaria Rosário, em São Paulo, dos quais, pela prosa e pertinência, reproduzo dois fragmentos sem observar a ordem original:

"A gente decide fechar e acha que acabou, foi, passou. Que nada. Tem coisa acontecendo ainda. É por essas e por outras que eu sempre tive pra mim que a vida é um esboço. Não adianta querer fazer arte-final. Tem que deixar margem pra rabiscar, testar cores, texturas, não calcar demais o lápis, pra conseguir apagar e refazer se for preciso. Arte-final, como diz o nome, é pro final, o final inevitável. Aí você contempla a sua obra e vê se valeu a pena, se gostou do resultado, se os amigos gostam. Isso que importa. Mas, enquanto está vivendo, o negócio é rascunhar, já que nunca vai estar pronto. O Da Vinci fazia rascunho. Van Gogh também. Rembrandt. Esses sabiam das coisas, maquequissos! E a turma aí querendo acertar de primeira."

"Bom, a turma diz que a cidade cresceu. Então eu vou te dizer uma coisa: a cidade diminuiu. Sim, porque quando mais prédios, menos longe a gente enxerga. O que cresceu foi a distância entre as pessoas. É. As amizades ficaram diferentes. Não sei bem, me diga você, porque faz tempo que não saio pra tomar um chope: [...] Sei que inverti os parágrafos e me alonguei na citação, mas se fez necessário. Por fim, como não sou especialista, como disse, não sei qual o melhor caminho para essa cidade dos soteropolitanos, que tanto amo, mas quando vejo e revejo o estado de muitos imóveis "históricos" dessa Primeira Capital, somente posso sofrer, lamentar, mas sem me culpar. Sendo assim, paro por aqui e vou ali no Terreiro tomar um chope."

Garçom, um chope (só tem cerveja). Desce duas, desce mais. E enquanto retiro com os lábios o colarinho, ao apreciar o entardecer cobrir com seu manto os velhos sobrados da São Salvador, começo a ouvi-los cantarolar: "Você não soube me amar", canção da Blitz.

Inaldo da Paixão Santos Araújo é mestre em Contabilidade. Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, professor da Universidade do Estado da Bahia, escritor.

inaldo_paixao@hotmail.com